



1. Bastardos Inglórios e a “vingança judia”

Pedro Carvalho Oliveira [1]

“Se você pudesse voltar no tempo para a Alemanha do passado, antes de Hitler chegar ao poder, sabendo o que você sabe sobre ele agora, você o mataria?” Os acontecimentos ocorridos na Europa durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e antes disso, quando os partidos nazista e fascista chegaram ao poder, respectivamente, na Alemanha e na Itália, ocupam páginas das mais diversas revistas especializadas em história, deram origem a livros, filmes e muitas discussões a respeito do tema, abordado como um dos auge da intolerância em suas mais variadas formas e que permeia nosso imaginário constantemente. Desde a escola ouvimos falar o quão horrível foi o nazismo e o mal representado pela figura emblemática de Adolf Hitler. É normal que, com tudo que nos foi mostrado (as imagens dos judeus mortos nos campos de concentração, a ideia da raça suprema que deve submeter a todas as outras etc), tenhamos aversão a toda ideologia representada pelo nacional-socialismo. Você saberia responder à pergunta? Você mataria Adolf Hitler? O diretor Quentin Tarantino, em seu filme mais recente, respondeu: sim, ele mataria. E matou.

“Bastardos Inglórios” foi a desculpa utilizada pelo diretor para isto. Na trama, que é uma espécie de refilmagem adaptada de um filme italiano obscuro com o mesmo nome, mas não exatamente com o mesmo enredo, Aldo Raine (Brad Pitt) é o comandante de um grupo de soldados judeus norte-americanos que será responsável por interceptar por trás das linhas inimigas soldados nazistas que ocupam a França (1940-1944). A milícia, conhecida como Bastardos Inglórios, possui soldados treinados para exterminar militares nazistas de maneira sádica. Ao final do filme, não só um grande número de membros do partido nacional-socialista são mortos em um incêndio num cinema francês, provocado pelos “bastardos”, como Hitler é metralhado sumariamente por estes, dentre os quais está o soldado conhecido como “Urso Judeu” (Eli Roth). Depois disso, ainda que não fique explícito que rumo a guerra tomou, percebe-se que os nazistas são inferiorizados de maneira humilhante, como no caso do detetive Hans Landa (Christoph Waltz, vencedor do Oscar de melhor ator coadjuvante em 2010 por este papel), conhecido como “Caçador de Judeus”, que acaba obtendo a imagem de



traidor do partido e é marcado com uma suástica na testa, feita a faca, para que mesmo sem seu uniforme ele seja reconhecido como um nazista.

O questionamento que inicia este texto está presente no filme “A Hora da Zona Morta”, de 1983, do diretor David Cronenberg e baseado no livro homônimo do ficcionista norte-americano Stephen King. Ela é feita pelo personagem Johnny (Christopher Walken), um homem que após um acidente se torna capaz de prever o futuro das pessoas ao tocá-las, permitindo que elas possam mudar os rumos dos acontecimentos – normalmente, acontecimentos trágicos. Ao cumprimentar um candidato ao senado americano, o personagem descobre que este muito em breve se tornará presidente dos Estados Unidos e será o responsável por um ataque nuclear a uma nação inimiga (possivelmente a União Soviética, levando-se em consideração o contexto em que tanto o filme quanto a obra escrita foram realizados, ou seja, durante a Guerra Fria), o que poderá trazer consequências terríveis para a população do mundo inteiro. Ao conversar com seu médico, um polonês judeu que fugiu da Europa durante a campanha nazista, Johnny o questiona desta maneira na tentativa de buscar uma luz para o seu problema: assassinar ou não o candidato antes que ele cause a morte de milhões, tal qual Hitler? Esta é uma pergunta que atravessa a tela e chega a nós, espectadores.

Mundialmente conhecido como um dos maiores cineastas da nova geração, Quentin Tarantino já se tornou uma referência entre os filmes cult, ou seja, que são parte da cultura popular e que possuem um público particular e muito assíduo. De 1987 até 2009, Tarantino já realizou 14 produções, dentre elas filmes premiados e famosos como “Pulp Fiction – Tempo de Violência” (1994) e outros como “Cães de Aluguel” (1991) e “Kill Bill” (2003/2004). Suas obras são marcadas pela influência dos filmes undergrounds das décadas de 1960 e 1970, que àquela época eram produzidos com um baixo orçamento, poucos recursos tecnológicos e atores medianos, que só eram famosos dentre os fãs daquele segmento; filmes que não eram exibidos em cinemas formais, apenas em salas marginais e para um público restrito por conterem cenas de violência e sexualidade explícitas que fugiam dos padrões hollywoodianos. Embora os filmes de Tarantino sejam muito mais bem produzidos do que os daquela época, há uma tentativa por parte do diretor de imitar aquela estética, mesmo que antes ela fosse consequência de limitações técnicas – limitações estas que são praticamente simuladas pelo diretor utilizando recursos nem um pouco limitados. Em 2009, Tarantino mataria Adolf Hitler com requintes de crueldade, característica marcante da maioria de seus personagens.



Como sabemos, segundo o que nos dizem os indícios, Adolf Hitler não morreu metralhado como Tarantino nos mostra em seu filme. Em obras cinematográficas como “A Queda – As últimas horas de Hitler”, de Oliver Hirschbiegel (Alemanha/Itália, 2004), que por sua vez é inspirado no livro “No Bunker de Hitler”, de Joachim Fest (Rio de Janeiro: Objetiva, 2009), a morte do ditador é mostrada de maneira mais dramática, seguindo o que as suposições a respeito do ocorrido sugerem: um suicídio cometido quando da iminência de sua derrota na guerra. A versão que nos é dada por Tarantino sobre a morte de Hitler não se trata meramente de uma brincadeira, ou ao menos não somente: a forma como o Führer e seus subordinados são mortos no filme revela a construção de um discurso.

Mas por que se torna necessário contar uma versão da história por meio de um filme para promover um discurso deste tipo nos dias de hoje, tão longe que estamos daquele período? É fato que o tema costumeiramente gera fascínio sobre aqueles que conhecem o mínimo a respeito do nazismo e dos fatos ocorridos na Segunda Guerra Mundial. A figura de Hitler aguça a curiosidade das pessoas, seja pela sua fama, seja pela sua aparência um tanto caricata. Antes de Tarantino, outros cineastas já haviam satirizado o ditador em seus filmes: Charles Chaplin, no clássico “O Grande Ditador”, ainda em 1940 (portanto, durante a Segunda Guerra) e, num caso mais recente, a comédia alemã “Mein Führer”, de 2007, do diretor Dany Levy, quebrando um tabu existente na Alemanha, tratando o assunto de maneira bem humorada e afastando o assunto de um espectro dramático e sério. A abordagem deste tema torna-se necessária especialmente se observarmos que o nazismo está presente nos dias de hoje, que mesmo se tratando de um tema amedrontador - o qual não possuímos reais dimensões, especialmente levando-se em conta o terror deixado pelos seus idealizadores nas décadas de 1930 e 1940 do século XX e o medo que ele nos causa-, está muito próximo a nós, dentre os jovens skinheads que assolam as ruas com fúria violenta, até homens engravatados por trás de partidos de direita.

Da mesma forma, “Bastardos Inglórios” quebra um tabu comum encontrado em outros filmes a respeito do gênero. Na situação imaginada pelo diretor, os judeus ocupam uma posição ativa muito contrária a que vemos em outros exemplos cinematográficos, em que, dentro do contexto da Segunda Guerra Mundial, os judeus quase sempre são mostrados como fugitivos, ou representados por figuras que sofrem as mais diversas formas de opressão pelos nazistas.



Aqui, Tarantino os coloca em movimento, em luta, devolvendo aos soldados nazistas toda a crueldade associada ao seu exército. Os “bastardos” acabam se tornando não apenas uma milícia a serviço dos aliados, mas, principalmente, os heróis de todos aqueles que repudiam o nazismo, mesmo os que conhecem o mínimo a seu respeito, sentados de frente para a tela e apenas observando o filme. A dicotomia entre o bom (os “bastardos”, com sua violência carismática) e o mau (os nazistas e todo o terror empreendido por suas perseguições raciais) é representada de maneira vigorosa. Entretanto, ao invés do Super-Homem contra Lex Luthor, do Batman contra o Coringa, dos deuses contra os demônios, temos judeus contra nazistas, realizando tudo que nós, assim como Johnny, de “A Hora da Zona Morta”, desejamos fazer nos nossos momentos mais impulsivos, guiados por nossa aversão ao que nos é apresentado como horrível e sanguinário. Atores que interpretam vilões em novelas brasileiras acabam sendo hostilizados na rua, em face de uma confusão de seus espectadores, que pensam o ator como o personagem e são enganados pelo potencial talento do artista. Estes somos nós, após “Bastardos Inglórios”: identificamos-nos com os que nos são revelados como os bons, e avessos ao mal, incorporado pelos nazistas.

O que podemos perceber ao analisarmos “Bastardos Inglórios” com a devida cautela é que sua relação com o nosso presente é grande, pois entendemos que o nazismo, aparentemente sepultado em 1945, povoa nossa sociedade como uma aparição. Eles não estão no poder, mas estão tentando e ganhando visibilidade. Estão nas ruas, na cabeça de tribos urbanas utilizadas como peões no jogo de políticos de extrema-direita – o exército dos carecas, uniformizados com suas botas e suspensórios. Quentin Tarantino toma partido e usa seu filme tanto para defender as vítimas dos fatos do passado, quanto para dar-lhes uma nova roupagem, desta vez a de atacantes, ao contrário dos enfadonhos judeus atirados aos campos de concentração. O diretor declara-se ao espectador, pela fala de uma de suas personagens principais, a judia francesa Shossana (Mélanie Laurent) – no momento em que incendeia o cinema repleto de nazistas: “Sejam bem-vindos à vingança judia!”

Nota

[1] Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe. Bolsista PET – História/UFS Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS) E-mail: pedro@getempo.org. Orientador: Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard



Referências Bibliográficas

A HORA da Zona Morta. Direção: David Cronenberg. Roteiro: Jeffrey Boam. Elenco: Christopher Walken, Martin Sheen, Brooke Adams, Tom Skerritt. EUA, 1983. 103 min, son, color.

BASTARDOS Inglórios. Direção: Quentin Tarantino. Roteiro: Quentin Tarantino. Elenco: Brad Pitt, Eli Roth, Mélanie Laurent, Diane Kruger, Christoph Waltz, Daniel Brühl, August Diehl, Mike Myers. EUA/Alemanha, 2009. 153 min, son, color.

BISKIND, Peter. **Down and dirty pictures: Miramax, Sundance, and the rise of independent film.** EUA: Simon & Schuster, 2004. p. 184-215.

FERRO, Marc. **Cinema e história.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.